

Fotografia: Mariza Almeida





O esmiuçar de uma contradição viva

HARVEY, David. Os limites do capital. Tradução de Magda Lopes.
São Paulo: Boitempo, 2013, 592p.

Pablo Polese*

A apreensão teórica dos enigmas do capital levou Marx a subverter a noção de ciência por meio da criação de um método inovador de tratar a relação entre essência e aparência, forma e conteúdo etc. Depois da leitura de “O Capital”, de Marx, é possível fazer uma série de afirmações. Pode-se dizer, por exemplo, que o trabalho, “produtor de valores de uso”, perfaz o eterno metabolismo entre Homem (sociedade) e natureza. Também é possível afirmar convictamente que há uma contraposição entre os capitalistas e os trabalhadores, e que a relação entre trabalho e capital constitui o antagonismo fundamental da sociedade capitalista. Com a mesma facilidade com que perguntamos quanto custa aquele livro bonito na estante de vendas, dizemos, depois de lê-lo, que o capital “é uma relação social”. Ora, a aparente clareza dessas afirmações esconde uma série de paradoxos e enigmas aparentemente insolúveis que nem todo leitor de primeira viagem logrará perceber. Isso porque para ler “O Capital” é preciso ser vesgo: somente uma leitura atenta, somada àquela prática, típica de Marx, de ler um livro com um só olho, enquanto o outro permanece firme na vigilância da realidade histórica, irá nos levar a ver sob outros prismas a complexidade por detrás de toda afirmativa acerca do capital, essa relação social que inunda nossa vida do amanhecer ao amanhecer.

Toda afirmativa sobre o capital resulta complexa porque o capital, já alertou Marx, é uma contradição viva. Basta observar: embora antagonista estrutural do trabalho, o capital é ele mesmo trabalho morto, e a força de trabalho, por sua vez, aparece como capital variável. O processo produtivo, visto de um ponto de vista mais amplo, engloba a produção, distribuição, troca e consumo. Qualquer pessoa sabe dizer que há um encadeamento lógico entre essas categorias, sendo necessário primeiro produzir, depois

* Cientista Social, professor de Sociologia e doutorando do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGSS/UERJ). *Correspondência:* < pablopolese@yahoo.com.br >.

distribuir e, só no fim, consumir o produto. Marx mostra que não é bem assim. Produção é simultaneamente consumo e distribuição, porque na produção já houve a distribuição dos meios de produção, e o ato de produzir é o ato de consumir esses meios de produção. Mais importante ainda, produzir é consumir aquela mercadoria que tem o dom especial de gerar mais valor do que custa: a força de trabalho. E vice-versa, o consumo dos meios de produção já é consumo produtivo, voltado precipuamente à produção de capital. Ao desenvolver-se, o capital, esse valor em movimento, valor em valorização, atua de forma a expulsar da produção aquilo que o constitui, a atividade ponente de valor, o trabalho. Trata-se de uma auto-contradição, inerente ao capital, e não é a única. Por essas e outras complexidades ler com um olho no livro “O Capital” e outro na realidade cotidiana, a fim de armar-se criticamente frente aos desafios da prática política, às vezes, pede o auxílio de pensadores mais experientes, tal como David Harvey.

O geógrafo marxista já é conhecido do público brasileiro por suas contribuições no terreno da leitura marxista dos problemas relativos à produção capitalista do espaço e os desenvolvimentos geográficos desiguais, o novo imperialismo e a acumulação por despossessão, o fenômeno da pós-modernidade, o neoliberalismo, a crise de 2008 e, mais recentemente, nos brindou com um livro-guia para quando estivermos “galgando as escarpas abruptas em busca dos cimos luminosos” do Livro um de “O Capital”. Agora teremos a oportunidade de ler, em uma boa edição da Boitempo, um de seus primeiros livros, “The limits to capital”, originalmente publicado em 1982 (acrescido da bela “Introdução” à edição inglesa de 2006). A obra chega ao público brasileiro já com o status de obra clássica do pensamento marxista, e eu diria sem titubear que “Os limites do capital” perfaz, junto a “O capitalismo tardio”, de Ernest Mandel, e “Para além do capital”, de István Mészáros, uma poderosa tríade crítica demolidora do capitalismo em suas configurações mais recentes.

Os méritos do livro de Harvey são inúmeros. A começar por sua didática ao desnudar questões cabulosas, aparentemente inextrincáveis ou reservadas aos “especialistas”, como, por exemplo, o tema da política fiscal e monetária, as questões relativas à dinâmica da acumulação, o capital portador de juros, o capital fictício e o papel do crédito no capitalismo mais recente, no qual sobressai o poder do capital financeiro, um poder que, como todo capital, tem também seus limites etc. O livro traz ainda um capítulo primoroso sobre a renda da terra, no qual Harvey vai além do inacabado legado de Marx sobre o tema.

Graças a seu invejável domínio do método expositivo de Marx, Harvey consegue, com uma simplicidade leminskiana, conduzir-nos no emaranhado das categorias mais complexas do modo de produção capitalista e, por sua vez, faz-nos compreender passo a passo os limites do capital em cada uma das esferas da produção, circulação, troca e consumo e em cada uma das áreas industrial, comercial, bancária, financeira, agrária, mercado

mundial etc. Sendo seu objeto uma contradição viva, a impressão que temos é que estamos lendo um livro que se mexe sozinho. Essa curiosa impressão se deve a que nenhuma categoria do sistema do capital pode ser definida, mas apenas determinada em seu fluir. Enquanto a definição é estanque, fixa e eterna, a determinação é relacional, fluída, processual e histórica. A dialética só pode ser determinada, jamais definida. Harvey é fiel ao método de Marx e, ao submeter a contradição viva a um escrutínio cuidadoso, trata as categorias rigorosamente como formas de ser que só podem ser apreendidas e refletidas idealmente se mantiver, em seu retrato teórico, o caráter processual e relativo que as constitui. Ora, tal relatividade não tem nada a ver com relativismo: olhar um objeto de diferentes ângulos não muda a objetividade do objeto, apenas nos permite carregar o conhecimento científico desse objeto com mais mediações, fruto do olhar teórico de distintos ângulos ou “janelas”.

O capital é uma relação social e todas as categorias que perfazem essa relação também perfazem entre elas um tipo de relação, a qual é necessariamente processual e histórica. As categorias do mundo do capital se constituem, via de regra, na relação com outra categoria. Daí o caráter de todo orgânico desse sistema e, por sua vez, a primazia científica da categoria totalidade. Expor a processualidade histórica sem empobrecê-la: eis o trabalho teórico que Harvey faz com uma competência ímpar em “Os limites do capital”. O capital só é capital se está em movimento, em relação social. O dinheiro no bolso não é capital, já quando o usamos pra comprar um picolé, temos aí uma relação-capital. Esse mesmo dinheiro, se for usado para pagar o picolé, atua como meio de pagamento, ao passo que, se for usado para pagar o salário de nossa empregada, atua como capital. Em ambos os casos, nosso dinheiro está a contribuir com a reprodução do sistema do capital. A vaca no pasto, usada no arado, atua como capital fixo, já se a consumimos no churrasco de fim de ano, atua como bem de consumo. Como então definir de antemão aquele dinheiro, ainda no bolso, e aquela vaca, ainda no pasto? Não é possível defini-los, pois o que conta, aqui, não é a natureza material do objeto, perceptível em qualquer contexto, e sim seu modo de uso, a forma com que nos relacionamos com e por meio dele. O objeto precisa ser determinado historicamente por meio da apreensão de qual função ele vem a cumprir nas múltiplas relações em que vier a participar em sua existência monetária ou bovina etc.

Um homem cavando um poço é apenas um homem cavando um poço, até que descobrimos que ele, na verdade, foi contratado para o serviço e receberá um salário, portanto temos aí uma relação-capital de trabalho assalariado. Ou descobrimos que estamos no século XIX e aquele homem é José, um poeta camaronês trazido da África para servir à corte portuguesa no Brasil, então vemos ali uma relação-capital de escravidão. Ou descobrimos que o homem cavando o poço é José, o morador da casa em frente que resolveu aproveitar o fim de semana para cavar o poço que

tanta falta vinha fazendo à sua família, por conseguinte não vemos aí uma relação-capital, e sim a simples produção de um valor de uso, em forma de poço. Ora, se para explicar um homem cavando um poço requer-se certa perspicácia, imaginem qual não é o talento de Harvey ao navegar tranquilamente por todas as categorias do pensamento econômico marxista não apenas destrinchando-as, mas, ainda, de quebra, mostrando-nos onde residem os nós górdios das problemáticas, sempre munido de referencial bibliográfico e, se não bastasse, atualizando e, muitas vezes, se pondo de modo inovador frente às questões, como, por exemplo, em sua interessantíssima assertiva de três “recortes” na teoria das crises do capital.

Harvey atualiza Marx e se mostra um pensador maduro já nesse livro, e tudo isso sem qualquer apego à ortodoxia acadêmica e seu típico receio em dizer qualquer coisa que vá na contramão de alguma máxima de Marx ou algum outro cânone. Pelo contrário, Harvey elogia e reconhece os méritos, mas, muitas vezes, é duro com Marx e outros interlocutores e, nessas aventuras críticas em terras semivirgens, o autor, em seu anseio de atualizar e ir além do legado do filósofo alemão, acaba errando a mão, acaba acertando a mão. Ler a contradição viva, buscando desvendar seus enigmas, é estar sujeito às peripécias da contradição, não importando se o leitor figura entre os melhores.

Em “Os limites do capital”, Harvey esmiúça a contradição viva em busca de seus nortes, suas medidas, enfim, suas fronteiras e limites. Nessa empreitada ele encontra e transmite-nos um emaranhado de contradições internas ao capital, sutis em sua explosividade, explosivas em suas sutilezas, as quais estão num constante movimento de ida e volta, de afirmação e negação, por meio de um desdobrar determinado pela luta de tendências e contratendências que só vencem para depois serem vencidas, que só extrapolam limites para depois encontrarem um novo limite, novamente superado para logo em seguida retroceder ao limite anterior ou então encontrar em si mesmo um limite insuperável (dentro da ordem): na busca dos limites do capital, Harvey encontra os truncados delineamentos da luta de classes e apreende como ninguém o caráter de “síntese de múltiplas determinações” do concreto. Ele encontra a luta de classes e se debruça sobre diversas de suas facetas, em especial àquelas voltadas ora à cristalização das lutas em aparatos estruturais e institucionais capitalistas, ora àquelas pressões que, não podendo mais serem deslocadas, consubstanciam-se em formas mutantes de mudança tecnológica e organizacional visando mudar tudo para que tudo continue como era e o sistema ganhe um fôlego a mais, um fôlego a mais, um fôlego a mais.

Harvey não se satisfaz em diagnosticar as lutas e em reconhecer seu papel nas dinâmicas espaciais e temporais da acumulação capitalista e, claro, a possibilidade de ruptura com o próprio sistema, e é nesse ponto que seu livro passa a apresentar, ele mesmo, limites. Envolto pelas vísceras de uma contradição viva que ele cuidadosamente esmiuçou, Harvey se

deixa fascinar pela longevidade desse sistema que teima em morrer e acaba centrando sua análise na dialética da estabilidade/instabilidade do sistema, em especial a tal “acumulação equilibrada”, palavrinha maldita que ele, no esteio do próprio capital, persegue obstinadamente durante todo o texto. Maravilhado com a competência do capital em manejar suas auto-contradições por meio de uma miríade aparentemente infinita (mas não!) de aparatos de controle voltados a manejar e a administrar as instabilidades inerentes ao capital, Harvey acaba se deixando ludibriar pelos encantos do “equilíbrio inerentemente instável” do sistema, para o qual a instabilidade aparece como virtude, mesmo na crise, posto que essa leva a cabo várias tarefas de autopetuação do sistema, como, por exemplo, a importante tarefa de desvalorização do valor, essencial para reequilibrar (sempre temporariamente) a composição de valor do capital etc. Mesmo quando aponta a conveniência da mudança de modo de produção, a transição socialista não aparece, em Harvey, como uma necessidade imperiosa, e sim como o mais recomendável diante de certas tendências destrutivas desvendadas. A leitura de Harvey às vezes passa a impressão, inclusive, de que se não fossem as contradições e atritos entre os interesses dos capitalistas individuais e os da classe capitalista, o sistema poderia manter-se em “acumulação equilibrada”, sustentável. A acusação é séria e, por isso, convido o leitor a ler “Os limites do capital” e a tirar por si mesmo suas conclusões.

A meu ver, o que Harvey acaba perdendo, talvez por ter ido longe demais na autópsia de um corpo vivo, é a compreensão de que o mal maior do capital não reside em sua organização anárquica, que impossibilita a acumulação equilibrada, e sim no fato de que o capital é, e não pode deixar de ser, incontrolável. Junto com tal perda, o autor acaba por diminuir a relevância teórica e político-prática daquela verdade primária que ele conhece muito bem, mas às vezes deixa de lado: que todas as benesses do sistema são levadas a cabo não por seus argutos gestores, mas pela classe trabalhadora. É o trabalhador o verdadeiro produtor, ainda que a subsunção real do trabalho ao capital e a histórica apropriação dos poderes socioprodutivos do trabalho, pelo capital, reforcem o poder do fetichismo e façam parecer que as benesses do capitalismo são de facto e de jure obra do próprio capital. Porém, o capital nada mais é que o explorador do trabalho de outro, o controlador pretensamente incontestável do sistema hierarquicamente estruturado e suas mil-e-uma artimanhas engenhosas, voltadas ao manejo malandro de um modo de produção em que o desenvolvimento das forças produtivas vem sempre a se estranhar com as relações sociais de produção. Um trabalho crítico não pode se deixar seduzir pelas artimanhas engenhosas. O arsenal político, econômico, repressivo, administrativo e ideológico em mãos do capital pode ser muito poderoso, mas nenhuma das categorias capitalistas poderá um dia sobrepujar definitivamente a mais poderosa das categorias do sistema: a greve. Um mergulhador pode descobrir infinitos tesouros nas profundezas perdidas de um

REVISTA EM Pauta

oceano pouco navegado, mas às vezes ele precisa voltar à superfície não apenas pra pegar um ar, mas também para lembrar-se de que está no mar. Um mar revoltoso. Uma contradição viva indomesticável.